

Os últimos falantes da Língua Baré

The last speakers of the Baré language

Ademar dos Santos Lima¹

Silvana Andrade Martins¹

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v19i39.584>

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de pesquisa sobre os últimos falantes da língua Baré no Amazonas, Brasil. Trata-se de um estudo sobre a língua do povo Baré e de seus falantes mais idosos que, nos anos 90 ainda lembravam de vocabulários da língua Baré. As metodologias utilizadas foram abordagem quali-quantitativa, levantamento *surveys*, de pesquisa de campo e do método das comparações léxico-estatísticas, de Morris Swadesh (1958) e as técnicas empregadas foram de entrevista focalizada. O estudo constatou que os Baré mais idosos ainda lembravam de palavras na língua Baré, da família Arawak do ramo Maipure do Norte. A pesquisa apontou também que somente alguns Barés acima dos 70 anos conseguiam lembrar de alguns vocabulários nesta língua, mas não conseguiam formar frases e/ou sentenças, apenas lembravam de palavras soltas. Este processo de desaparecimento da língua Baré começou no século XVII e se acentuou nos séculos XVIII e XIX, de forma que no final do século XIX já não havia mais falantes fluentes em língua Baré e os mesmos passaram a falar o Nheengatu como língua étnica. Deste modo, nossa pesquisa, realizada em 2017 com os Baré mais antigos, aponta que não há mais entre a população idosa deste povo alguém que conseguisse lembrar palavras em Língua Baré.

Palavras-chave: povo Baré; língua; deslocamento linguístico.

Abstract: This paper aims to present the results of research on the last speakers of the Baré language in Amazonas, Brazil. It is a study about language of the older Baré who in the 90s still remembered vocabularies of their language, the Baré. The methodologies used were qualitative-quantitative approach, survey surveys, field research and the lexical-statistical comparisons method, Morris Swadesh (1958), and the techniques used were focused interview. The study found that the older Baré still remembered words from their Baré language from the Arawak family of the Northern Maipure branch. The survey also pointed out that only a few Barés older than 70 could remember some vocabularies in

¹ Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil.

the Baré language, but could not form phrases or sentences. Just loose words. This process of disappearance of the Baré language began in the seventeenth century and intensified in the eighteenth and nineteenth centuries. So that at the end of the nineteenth century there were no more fluent speakers in Baré language and they came to speak Nheengatu language as an ethnic language. However, our research in 2017 with the oldest Baré indicates that there are not among the elderly population of this people someone who could speak words in this language.

Keywords: Baré people; language; linguistic shift.1 Introducción

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nestas considerações iniciais discutimos as hipóteses do termo “Baré” que, de acordo com Herrero e Fernandes (2015, p. 61), é de origem incerta, pois o próprio povo Baré afirma que não conhece a origem da palavra, que não sabe informar com precisão ou mesmo estabelecer uma relação do termo com um significado qualquer. De todo modo, “Baré” sempre foi o nome dado àqueles cujos antepassados viviam espalhados por quase toda a calha do rio Negro até a Venezuela, onde ainda hoje, encontra-se um número expressivo de descendentes desse povo.

Antonio Pérez (1988, p. 446) sugere que o termo “Baré” talvez fosse derivado de “bári” (branco), vindo a significar “homens brancos”, em oposição a “homens negros” ou “táíni (negro).

Outra hipótese que também pode ser considerada plausível é que o termo “Baré” derivou da palavra “barú”, nome do peixe acará barú, *Uaru amphiacanthoides Heckel* (SANTOS; FERREIRA; ZUANON 2009, p. 106).

Figura 1 – O acará barú



Fonte: Lima (2018).

Figura 2 – Região do habitat do acará barú



Fonte: Lima (2018).

Essa hipótese pode ser considerada plausível devido ao fato de esse peixe ser muito conhecido pelo povo Baré, e outrora existir em grande quantidade em toda a região do rio Negro, principalmente onde habita esse povo, no baixo, médio e alto rio Negro, que também é conhecido como “povo do rio” (HERRERO; FERNANDES, 2015).

semelhantes, da mesma família) estendia-se até o baixo rio Negro, avançando sobre o território dos antigos Manáos e Passé, onde hoje se encontra a cidade de Manaus.

O povo Baré, na atualidade vive espalhado por diversos municípios do Amazonas, no rio Negro, nos países vizinhos, Venezuela e Colômbia, regiões da Amazônia com maior número de povos indígenas da tríplice fronteira. Nessa perspectiva, buscou-se analisar a problemática da pesquisa em questão: *Ainda há remanescentes do povo Baré que lembram de palavras e/ou sentenças na língua tradicional?*

A partir dessa análise, algumas questões norteadoras são enfrentadas no desenvolvimento do estudo: *Quem são os últimos falantes do povo Baré que ainda lembram da língua tradicional?*

É possível mensurar o quanto esses falantes lembram dessa língua? Quais são as palavras e/ou sentenças que esses falantes conseguem falar/lembrar?

O presente estudo se justifica por buscar registrar itens lexicais, sentenças ou expressões da língua Baré que ainda sejam lembrados por remanescentes do povo que falava essa língua indígena.

A pesquisa em seu desenvolvimento metodológico seguiu os seguintes passos:

Inicialmente, foram realizadas leituras correspondentes à revisão de literatura do assunto abordado, a partir do levantamento de dados bibliográficos sobre o povo Baré. A base teórica foram os estudos de Bessa Freire (2005), Cruz (2011), Herrero e Fernandes (2015), Cabalzar e Ricardo (1998), Curt Nimuendajú (1982), Koch-Grünberg (1995), Hymes (1972), Leite (1943), Farage (1991), Matos (2011), Papavero *et al.* (2000), Ramirez (2001), Tarallo (2003), Martins (1996) e outros.

A natureza da pesquisa foi de caráter qualitativo, embora dados quantitativos tenham sido levantados e avaliados para a interpretação e construção das conclusões. Utilizamos o estudo de campo, de levantamento *surveys* e o método das comparações léxico-estatísticas, de Morris Swadesh (1958), por meio da técnica de entrevista focalizada, considerando a definição constante em (GIL, 2006).

Entendemos, conforme menciona o autor citado, que o estudo de campo e o levantamento *surveys* proporcionam “o conhecimento direto da realidade

pesquisada, praticidade e quantificação dos dados”.

A investigação teve um alcance de estudo de caso descritivo (GIL, 2006, p. 73), porque esse nível de pesquisa tem como objetivo a “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”.

O universo da pesquisa correspondeu ao estudo de três (3) informantes, sendo dois pesquisados por Martins (1996) e um pesquisado por Lima (2018). Todos habitantes da região do rio Negro, estado do Amazonas.

A amostragem deu-se por “tipicidade ou intencional” (GIL 2006, p. 104), que se constitui em selecionar determinados membros de uma comunidade potencialmente representativa para o objeto de estudo. No caso deste estudo, envolveu três informantes indígenas acima dos 70 anos indicados pela população do povo Baré.

Para à aplicação da entrevista na coleta de dados de pesquisa de campo seguiu-se a orientação de Tarallo (2003) o método da “sociolinguística”, de Hymes (1972, p. 65), o “paradigma *speaking*” e o método das comparações léxico-estatísticas, de Morris Swadesh (1958). Os dados foram coletados por meio de 3 questionários de entrevista focalizada, com perguntas baseadas nos objetivos da pesquisa, aplicados individualmente a cada um dos informantes indígenas.

A construção dos questionários foi pensada a partir dos objetivos que se pretendia alcançar com a pesquisa e com a finalidade de:

a) analisar a língua Baré ainda lembrada pelos últimos falantes Baré; b) identificar as palavras e sentenças da língua Baré proferidas pelos falantes; c) registrar as palavras e sentenças em língua Baré.

Por fim, fizemos uso de nossa experiência e de nosso conhecimento, enquanto integrantes da realidade pesquisada para balizar os dados coletados.

2 O CONTATO COM O POVO BARÉ

O descobrimento da foz do rio Amazonas por Vicente Yanez Pinzón (1500) é descrito por Papavero *et al.* (2000), assim como por Francisco Orellana (1542) citado por Herrero e Fernandes (2015) que desceu pela primeira vez o rio que viria a se chamar Amazonas, bem como seu afluente maior, o qual frei Gaspar de Carvajal, escrivão da expedição referiu-se ao rio “de água negra como tinta”,

que é o Negro, segundo Cabalzar e Ricardo (1998, p. 73). Esses relatos do século XVI não fazem referência, ainda, à população indígena desse rio. Foi somente um século depois, em 1639, que a foz do rio Negro foi identificada e descrita com mais cuidado, por ocasião da expedição de Pedro Teixeira, que subiu o Amazonas até Quito. Deste modo, os povos indígenas do rio Negro (sobretudo os do baixo e médio curso do rio) mantiveram os primeiros contatos diretos com os ocidentais já no século XVII, principalmente com os portugueses que penetraram no rio Negro à caça de escravos. Esse período é marcado por tentativas de identificação e incorporação de territórios brasileiros por exploradores estrangeiros, especialmente espanhóis, holandeses e portugueses. A partir do século supracitado, a presença portuguesa tornou-se mais evidente, com a fundação do forte de São José da Barra do Rio Negro por Francisco da Mota Falcão, em 1669 e estabelecimento de fortificações militares em áreas de interesses geopolíticos. Desde então teve início o processo de colonização do Vale do Rio Negro, até então ameaçado pela presença de estrangeiros na foz do grande Rio Amazonas (BARROS, 1995, p. 45).

Em 22 de junho de 1657, os padres Francisco Veloso e Manuel Pires fizeram a primeira entrada histórica ao Rio Negro e efetivamente, o primeiro contato com o povo Baré (LEITE, 1943). Em 22 de março de 1688, o El-Rei recomendou ao governador que auxiliasse os padres da companhia de Jesus a estabelecerem missões fixas no rio Negro. Neste mesmo ano foi organizada uma tropa de resgate ao vale do rio Negro, tendo como missionário acompanhante o padre João Maria Gorzoni, famoso tocador de gaita. Serafim Leite (1943, p. 375), baseado em documentos históricos, ainda menciona que Gorzoni teria andado pelo rio Negro até meados de agosto de 1689.

Voltando ao Pará, Pe. Gorzoni tratou de organizar a expedição que deveria subir o rio para fundar as aldeias requeridas pelo rei. Seriam a aldeia Matari e a outra sobre o rio Negro. Com Gorzoni foram os missionários Conrado Pfeil e Pe. João Justo Luca, que se fixaram nas duas aldeias acima referidas, respectivamente. Ambos os padres vieram a falecer, fato que desencorajou a continuidade das missões jesuítas no rio Negro, assumindo, então os Carmelitas, em 1675 (LEITE, 1943). O período seguinte nas atividades dos jesuítas no rio Negro é caracterizado pela participação deles em tropas de resgates. Nesse processo os indígenas eram retirados de suas aldeias de origem e levados para as aldeias de repartições.

Serafim Leite sugere três direcionamentos para as missões no vale (LEITE, 1943):

“Prioridade na doutrina e exploração ribeirinha, tentativa de pacificação dos indígenas levantados, resgates e descimentos pacíficos para as aldeias de catequese”. Pode-se considerar, também, que o conhecimento geográfico e etnológico do alto rio Negro pelos brancos chegou ao seu máximo no período colonial antes do final do século XVIII, principalmente através dos levantamentos militares já referidos, de estudos de cientistas e naturalistas como Antonio Landi, Alexandre Rodrigues Ferreira, Alexander von Humboldt, assim como da iconografia legada por Felipe Sturm ou José Cadina.

Sob a autoridade de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a Amazônia passou por um momento novo de urbanização e fixação da cultura portuguesa na região. O instrumento político usado para este fim foi o “Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão” (Lei de 7 de junho de 1755), que substituiu o “Regimento das missões”. O objetivo foi elevar os aldeamentos indígenas à condição de vilas ou aldeias, administradas por um diretor e assim, assegurar a liberdade aos indígenas, instituir uma escola, com um mestre para os meninos e outro para as meninas, sendo proibido o uso de outra língua que não fosse o português, bem como deveriam possuir sobrenome português. A nudez foi proibida, bem como as habitações coletivas, o uso da língua brasileira (conhecida como língua geral ou nheengatu) e a punição de morte a quem desacatasse. A partir de então, o português passou a ser oficialmente ensinado nas escolas, os jesuítas foram expulsos e os indígenas saíram de sua tutela, passando a ser súditos e vassalos do rei (BESSA FREIRE, 2005, p. 123). Durante esse período, muitas aldeias no Amazonas perderam seus nomes em língua geral e receberam nomes portugueses, principalmente no baixo, médio e alto rio Negro. Deste modo, enquanto unidade política autônoma teve condições de consolidar a política de aportuguesamento da região. Segundo Bessa Freire (2005, p. 129), a província do Amazonas constituía o último reduto onde havia uma população majoritariamente indígena, urgia a introdução do português como língua oficial, fato que se verificou a partir da obrigatoriedade do ensino da língua Portuguesa nas escolas situadas nas comunidades indígenas.

3 A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DO POVO BARÉ

De acordo com Bessa Freire (2005), a partir da retirada do povo Baré de suas aldeias de origens para as chamadas aldeias de repartições, os indígenas, aos poucos foram deixando de falar a língua materna (o Baré, língua da família Arawak do ramo Maipure do Norte), e passaram a falar o Nheengatu, variante do tupinambá, da família tupi-guarani do subconjunto III, a língua ensinada nessas aldeias de catequese. Assim, o povo Baré perdeu sua língua materna e adotou a língua Nheengatu como língua de comunicação interétnica. Mas, com a proibição do ensino de línguas indígenas e a obrigatoriedade somente do ensino do português por Marquês de Pombal em 1758, mais uma vez, a língua adotada e considerada pelo povo Baré como materna era ameaçada, pois segundo Bessa Freire (2005, p. 129), “a educação desses indígenas não passava mais pela língua Nheengatu, sendo feita, evidentemente, em português”. Na realidade, a menção à educação era apenas uma justificativa, empregada desde os tempos coloniais para enquadrar os chamados indígenas bravos num sistema de trabalho compulsório, uma prática que continuou sendo corrente no Amazonas, sem necessidade até então regulamentada por lei.

Esse processo levou ao aportuguesamento dos povos indígenas da Amazônia brasileira, sobretudo, do povo Baré que deixou de falar sua língua materna, o Baré. Da mesma forma, os descendentes desse povo estão deixando de falar o Nheengatu.

Exemplificou-se a situação sociolinguística do povo Baré desde o período colonial até nossos dias no Quadro 1:

Quadro 1 – Situação sociolinguística do povo Baré do período colonial aos nossos dias

Ambiente	Situação sociolinguística		
	Período colonial	Dias atuais	
Aldeia de origem	Baré	Comunidade	Português e Nheengatu
Aldeia de repartição	Nheengatu	Cidade	Português
Região	Nheengatu e Português	Região	Português

Fonte: Bessa Freire (2005).

Observa-se que o duro período de colonização do povo Baré levou ao desaparecimento da primeira língua desse povo. Com isso, o Baré, outrora falada pelo povo Baré do rio Negro deixou de existir. Fato este confirmado por Cruz (2011, p. 21). “A população indígena que vive em território brasileiro e que se autodenomina Baré não fala mais a língua dos seus antepassados e são poucos os que recordam algumas palavras dessa língua”. Fato também noticiado por V. Martins que, em 1996, percorreu toda a calha do rio Negro em busca de falantes da língua Baré e encontrou na divisa de São Gabriel da Cachoeira com a Venezuela apenas dois idosos que ainda lembravam de algumas palavras nessa língua.

Assim, no início do século XX, era quase impossível encontrar falantes do Baré no médio e no alto rio Negro. Desde essa época, porém era notável o declínio substantivo do número de falantes, causado, em grande medida pelo avanço colonial e pela escravização do indígena e sua inserção numa política colonial integracionista e de economia extrativista, o que culminou com um processo de missionarização extremamente acentuado na Amazônia, que parece ter tido um papel decisivo para o abandono das línguas indígenas.

O estudo de Henri Ramirez (2001) sobre as “Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição”, publicada pela editora UA, da Universidade Federal do Amazonas mostra listas de palavras que, segundo o autor ainda foram possíveis de ser coletadas entre os Baré.

Vejamos no Quadro 2 algumas dessas palavras da língua Baré descritas por Ramirez (2001, p. 470-95), as quais traduzimos para as línguas Nheengatu e Portuguesa:

Quadro 2 – Lista de palavras da língua Baré, com tradução para o Nheengatu e Português

Língua Baré	Língua Nheengatu	Língua Portuguesa
nuni	ixé	eu
bini	indé	tu
kuhu	ae	ele
kuhũ	aé	ela
wani	yandé	nós
ini	penhẽ	vocês
Kuhuni, meni	aintá	Eles/elas
dúsia	akanga	cabeça
ákhani	piá	coração

Língua Baré	Língua Nheengatu	Língua Portuguesa
khábi	pu	mão
ísi	pi	pé
dápa	tukunaré	tucunaré
báumehe	piranha	piranha
itíki	tatá	fogo
witi	sesá	olho
iwáku	rakanga	galho
sewépi	Mirá-para	arco
kudúbati	supiá	ovo
kádi	iwí	terra
dátini	nambí	orelha
kuwáti	yawara	Cão (onça)
Nenê-hei	nheenga	Língua (linguagem)
téma	tapíra	anta
kubáti	pirá	peixe
tí	tĩ	nariz
dábana	kaá	folha
dumaka	kiri	dormir
dinábu	watawa	caminho
yála	apigawa	homem

Fonte: Ramirez (2001).

Como se observa na lista de palavras do Quadro 1, há poucas palavras registradas da língua Baré e, atualmente os Baré do baixo, médio e alto rio Negro são bilíngues e falam o português e o Nheengatu, a língua que foi introduzida pelos missionários jesuítas e carmelitas por ocasião da fundação das primeiras missões, ainda no século XVIII (FARAGE, 1991, p. 43). Entretanto, com a chegada dos missionários salesianos, que fundaram a primeira missão em São Gabriel da Cachoeira, em 1914 (ANDRELLO, 2006, p. 105) e com o sistema religioso-educacional instituído por estes, o português tornou-se a língua mais falada pelo povo Baré, visto que os salesianos proibiram o uso das línguas indígenas nas missões, inclusive do Nheengatu, além de desestimularem o uso dessas línguas também fora das missões.

Com isso, o povo Baré que já havia perdido a língua materna, também correm sérios riscos de deixarem de falar o Nheengatu e tornarem-se monolíngues em português.

Para Matos (2011, p. 58) “A língua é incubadora da identidade, reproduz significados que se deslocam afetados pela memória e é submetida ao movimento

da ideologia imposto pela história, estando, portanto, atrelada a aspetos políticos, éticos e culturais”. Deste modo, a língua é constituída pela memória dos usos em cuja diversidade vigoram vozes que embutem, além dos locutores as condições de locução, constituindo palavras para se fazem ouvir em circunstâncias diversas e servem de esteio para a produção e interpretação da identidade étnica e cultural de um povo.

Para Lisboa (1998, p. 128) “nossas lembranças somos nós”. Elas são a nossa carteira de identidade cerebral. A memória não deixa você se esquecer de como se faz o laço no sapato, do seu primeiro dia na escola ou da letra de sua música favorita. Assim também é a língua, os falantes lembram de palavras que aprenderam com seus antepassados e que ainda guardam na memória, mesmo não fazendo uso dessa língua. Vejamos no Quadro 3 algumas das palavras que os informantes ainda lembravam:

Quadro 3 – Palavras lembradas pelos informantes

Informante 1	Faixa etária	Período da pesquisa	Sexo	Língua em memória	Tradução
Indígena Baré	83	1996	M	Baré	Português
				kádi	terra
				itíki	fogo
				kubáti	peixe
				dábana	folha
Informante 2	Faixa etária	Período da pesquisa	Sexo	Língua em memória	Tradução
Indígena Baré	80	1996	M	Baré	Português
				kubáti	peixe
				kádi	terra
				téma	anta
Informante 3	Faixa etária	Período da pesquisa	Sexo	Língua em memória	Tradução
Indígena Baré	78 anos	2017	F	Língua geral	Português
				Uaí	farinha
				Kolomi	Menino

Fonte: Martins (1996); Lima (2018)

Observa-se no Quadro 3 que, as palavras ainda lembradas pelos informantes 1 e 2 são vocabulários da língua Baré do cotidiano, principalmente palavras relacionadas à natureza que ainda mantinham-se vivas no repertório linguístico dos barés mais idosos da década de 90. O pesquisador Martins, em 1996, ainda encontrou dois idosos da etnia Baré que lembravam de alguns vocabulários como: “*kádi, itiki, kubáti, dábana’* e *tema*”. Entretanto, nossa pesquisa realizada com a informante 3 mostrou que ela não lembrava mais de vocabulários do Baré, mas somente da Língua Geral como: *Kolomi* e “*Ua!*”. Esse “esquecimento da língua” pode estar relacionado ao tempo em que a língua foi deixada de ser falada dadas às terríveis imposições dos religiosos que subjugavam esse povo.

4 LINGUAGEM, MEMÓRIA E IDENTIDADE

A aquisição da linguagem nos remete a uma série de perguntas acerca da própria existência humana e origem da vida. Por muito tempo a filosofia tem oferecido algumas respostas a esses questionamentos, dentre as quais, as teorias do inatismo e do empirismo. Conforme Marilena Chauí (2000), na teoria do inatismo, ao nascer trazemos em nossa inteligência algumas ideias inatas, isto é, ideias verdadeiras que vão além dos princípios racionais, enquanto no empirismo, a razão, seus princípios, métodos e ideias são todas adquiridas no decorrer da vida através das experiências.

Para Lacan, somos frutos da linguagem; o sujeito é retratado por seu discurso, que expressa muito mais do que a sua pretensão inicial. Além de comunicar, a linguagem identifica. Percebe-se que, para a Psicanálise, “a universalidade da linguagem é relacionada à universalidade do inconsciente, postulada por Freud, sendo linguagem e inconsciente consubstanciais e antecedentes em relação à cultura e ao sujeito” (PERÓN, 2012).

Durante a pesquisa percebeu-se que os Baré que mais cultivaram palavras em sua língua-mãe foram aqueles que permaneceram em suas aldeias de origem, certamente tal fato ocorreu devido à proximidade de outros membros, em especial os mais idosos, que detinham em sua memória coletiva mais contato com a língua, enquanto os que foram levados para as chamadas aldeias de repartições e/ou de catequese, bem como aqueles que migraram para outras cidades na infância não o retiveram. No último caso, a construção da identida-

de é ainda mais modificada, uma vez que ocorre a incorporação de hábitos e vivências de povo diferentes.

Em sua obra *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito*, Goldgrub, F.W. (2008) mostra que a psicanálise freudiana pode fugir em partes de alguns pressupostos inatistas de aquisição da linguagem. É por meio da noção de Édipo estrutural que isso acontece, uma vez que esta dispensa soluções ambientalistas e organicistas, apoiando-se no conceito de fantasia (PERÓN, 2012). Não seria possível considerar a aquisição de linguagem do povo Baré sem entrar em méritos multilinguísticos e na forma que a incorporação de sua população a diferentes culturas influencia nesse processo.

Para Chomsky (2006), conceituado linguista da corrente inatista, afirma que, “existe um sistema autônomo de gramática formal que se determina pela faculdade da linguagem e seus componentes universais”.

Percebe-se que a semelhança entre essa gramática gerativa de Chomsky e as teorias freudianas se encontra tanto na sintaxe, já que ambas estão a serviço da significação, na qual o falante concede sentido aos objetos que deseja. Assim, a língua é “o inventário – infinito, e daí a criatividade – da relação sujeito/objeto” (PERÓN, 2012, p. 250). Logo, mais do que a língua-idioma, a língua-memória determina de que forma as experiências são assimiladas pelo sujeito e quais aspectos simbólicos delas são retidos para a formação de sua identidade.

Por sua vez, o tema da memória esteve presente nos escritos de Freud e na construção da teoria psicanalítica desde o princípio. Sabendo-se que a psicanálise se formou a partir do estudo clínico de experiências e lembranças infantis, não é surpresa que Freud aborde a memória (e o esquecimento) em diversos momentos da formulação dos pressupostos da psicanálise, tampouco que modifique a sua concepção na medida em que avança em sua discussão acerca do aparelho psíquico e do inconsciente.

Para Freud (*apud* LAPLANCHE, 2001), o aparelho psíquico tem como um dos pressupostos centrais a crença no papel organizador da memória, a qual é compreendida como uma série de sistemas, com propriedades, signos perceptuais e instâncias tópicas distintas. Mas é somente em 1925, em seu texto sobre o “Bloco Mágico”, no qual faz analogia deste com o aparelho que constitui a base

das instâncias da primeira tópica, que Freud se ocupa em delinear o mecanismo da memória (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014).

Conforme Ferrarini e Magalhães (2014, p. 112), algumas ideias sobre a memória podem ser sintetizadas na concepção freudiana em algumas proposições de Casanave (2008):

a) aquela capaz de registro, conservação e transformação de experiências em traços mnêmicos, entendidos como processos associativos; b) ela não está associada com a capacidade de percepção ou de consciência, mas sim, tendo sua função localizada nos sistemas pré-consciente e inconsciente; c) múltipla em diversos arquivos e sob signos variados; d) sofre reorganizações de tempos em tempos; e) possui sua eficácia causal, reconhecida no “a posteriori”; f) orientada por representações; e g) identificável com a imaginação e modificação introduzida no material registrado.

Assim, diante de seu vasto aspecto simbólico e psíquico, memória e linguagem se correlacionam na formação da identidade do sujeito. É através das associações geradas pela memória, manifestadas através dos símbolos da linguagem, que os conteúdos identitários tomam forma, seja de maneira consciente ou inconsciente. Goldgrub (2008), em um exemplo da importância da linguagem para o imaginário coletivo, conclui que a singularização de uma população imigrante se dá graças à linguagem. Desse modo, “cabe à língua instituir a identidade própria de um grupo e posteriormente separá-lo de outros, por seu léxico e gramática, e também através do princípio estrutural da rede fonética fornecida pelos pais” (PERÓN, 2012, p. 252).

Não se trata de aprendizagem, trata-se de identificação àquele que veicula o funcionamento da língua (o Outro). Este processo instaura a consciência de si e o discurso próprio, a partir daqueles que narcisicamente idealizam e projetam expectativas nos filhos. O ingresso no universo linguístico não é tomado como um procedimento de assimilação de informações, e sim como uma transformação radical que toma o adulto como modelo.

A psicanálise, em toda a sua teoria e prática, é também uma ciência do arquivo e do nome próprio, de uma lógica da hipomnésia que tenta explicar as lacunas da memória, daquilo que arquiva a lembrança, que a transforma, ou que, por outro lado, a desarquiva, apagando, destruindo; uma ciência também de sua própria história (MAJOR, 2002 *apud* FERRARINI; MAGALHÃES, 2014).

Concede-se à memória em linguagem, sob essa perspectiva, um papel central no processo de identificação, que implica na autonomia do sujeito em relação ao ambiente e ao orgânico. Sabendo-se que para Freud, todo tema psicanalítico é um tema social, não teria como dissociar as demandas culturais e histórias de um povo de suas vivências, lembranças e símbolos, que vão muito além de um aspecto consciente, uma vez que se instauram num inconsciente e comum, reservatório de vivências e significados únicos e compartilhados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa mostrou que até 1996 havia entre o povo Baré, principalmente entre a população acima dos 70 anos, aqueles que ainda guardavam na memória vocabulários de sua língua materna, o Baré. Entretanto, com o contato linguístico, a situação linguística desse povo foi mudando, de forma que em 2017 as pesquisas realizadas apontaram que, mesmo os mais idosos já não lembravam de nenhuma palavra em Baré, mas somente em língua geral.

O estudo constatou que, dentro das comunidades linguísticas indígenas há um contexto de convivência bilíngue em que a língua indígena disputa sua funcionalidade comunicativa com o português, que é a língua veicular e dominante. Deste modo, a língua étnica vai perdendo seu espaço por meio do fenômeno de deslocamento sociolinguístico. Foi o que ocorreu com a língua Baré. Atualmente o povo Baré fala o português e o Nheengatu.

O tipo de bilinguismo praticado pelo povo Baré é o social e o grau de bilinguismo predominante entre a população baré é o passivo (os falantes mais jovens somente compreendem o que os mais idosos falam, mas não falam a língua étnica).

As hipóteses levantadas na pesquisa são negativas, haja vista que não se encontrou nenhum Baré que falasse ou lembrasse de palavras de sua primeira língua materna, o Baré atualmente.

O enfoque analítico da pesquisa mostrou que a língua étnica deixou de ter um papel importante no processo de construção da identidade coletiva do povo dessa etnia, pois observou-se que a mesma tem usado mais a língua Portuguesa como meio de comunicação entre seus membros.

Não foram encontrados falantes da língua Baré entre aqueles que nomeadamente são remanescentes daquele povo. Entretanto a presente pesquisa tendo

apresentado aspectos da situação sociolinguística dos Baré pode contribuir para que se possa estabelecer políticas linguísticas relevantes a fim de se assegurar a manutenção da língua Nheengatu aos Baré”.

Como já se sabe, a perda da língua é o modo mais rápido de se extinguir uma cultura, pois mesmo que alguns rituais se mantenham, seu contexto e sua força não são os mesmos, já que a língua fornece suporte a eles e as peculiaridades da cultura local. A comunidade é a unidade de relação em uma língua. Para tanto, é preciso que os comunitários façam uso da língua étnica no ambiente familiar, nas relações com a vizinhança e nos ritos religiosos da comunidade. Tomar consciência de que tanto à língua étnica quanto à língua portuguesa têm os seus territórios, os seus domínios e que devem ser usadas em seus lugares específicos. Assim, a tendência é seus membros permanecerem bilíngues, mesmo não havendo mais falantes de línguas indígenas em (L1).

O estudo apresentado não encerra as questões suscitadas, haja vista que pesquisas futuras poderão averiguar se o povo Baré continuará bilíngue em português e Nheengatu ou se a tendência será que o português tome o espaço social da língua indígena. Certamente estes dados de pesquisas são importantes para mostrar o estado linguístico dos Baré, contribuindo para futuras pesquisas sociolinguísticas com comunidades linguísticas indígenas no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDRELLO, Geraldo. *Cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê*. São Paulo: Editora Unesp/ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

BARROS, Nilson Crócia. *Roraima: paisagem e tempo na Amazônia Setentrional*. Recife: Ed. UFOE, 1995.

BESSA FREIRE, José Ribamar. *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. 2005. 239f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada)- Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CABALZAR, Aloísio; RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). *Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira*. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), 1998.

CASANAVE, Carlota Maria Ibertis de Lassalle. *As tramas de mnemosine: A memória nos primórdios da teoria freudiana*. 2008. 106f. Orientador: Luiz Roberto Monzani. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP, 2008.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CHOMSKY, Noam. *Language and Mind*. 2 edition. United States of America: Cambridge University Press, New York, 2006.

CRUZ, Aline. *Fonologia e gramática do Nheengatu: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) - Vrije Universiteit, Utrecht, The Netherlands, 2011.

CURT NIMUENDAJÚ. Biblioteca Digital. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:ribeiro-1982-mapa>. Acesso em maio de 2017.

FARAGE, N. *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ANPOCS, 1991.

FERRARINI, Pamela P. F. L.; MAGALHÃES, Lívia D. R. O conceito de memória na obra freudiana: breves explicações. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 5, n. 1, p. 109-18, jun. 2014

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOLDGRUB; Franklin W.. *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito*. 2 ed. São Paulo: Samizdat, 2008.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses (Org.). *Baré, o povo do rio*. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

HYMES, Dell. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Dois anos entre os indígenas: viagens ao Noroeste do Brasil (1903-1905)*. Manaus: EDUA/FSDB, 1995.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulários de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, Yonne. As várias faces da pesquisa com línguas indígenas brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 19. *Actas* [...]. Lisboa, out. 1943.

LIMA, Ademar dos Santos. *Educação escolar indígena: um estudo sociolinguístico do Nheengatu na Escola Puranga Pisasú do Rio Negro, Manaus- AM*. 2018. 184 fl. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes)- Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA), Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, AM, 2018.

LISBOA, Livia. *Na ponta da língua, memória*. São Paulo: Super Interessante, 1998.

MARTINS, Valteir. *Lauda linguístico da comunidade Parque das Tribos*. Manaus, AM: Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2016.

MARTINS, Valteir. *Indígenas Baré - gravação de conversa*. Conversa oral I. [ago. 1996]. Entrevistador: Valteir Martins. São Gabriel da Cachoeira, AM, 1996. 1 arquivo.mp4 (60 min.).

MARTINS, Valteir. *Indígenas baré - gravação de conversa*. Conversa oral II. [jan. 2017]. Entrevistador: Ademar Lima. Manaus, AM, 2017. 1 arquivo.mp4 (30 min.).

MATOS, Lúcia Helena Lopes de. *A língua e o conhecimento: um passeio pela memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

PAPAVERO, Nelson *et al.* *História da biologia comparada*. Desde o Gênesis até o fim do Império Romano do Ocidente. Ribeirão Preto, SP: Holos, 2000.

SANTOS, Geraldo Mendes; EFREM J. G. Ferreira, JANSEN A. S. Zuanon. *Peixes comerciais de Manaus*. 2a ed. revisada – Manaus: INPA, 2009.

PÉREZ, Antonio. Os Balé. In: LIZOT, Jacques (Ed). *Los Aborígenes da Venezuela*. Etnologia contemporânea. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales/Monte Avila Editores, 1988. v. 3.

PERÓN, Paula. A aquisição de linguagem na perspectiva psicanalítica. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 249-54, 2012.

RAMIREZ, Henri. *Língua Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição*. Manaus: UA/UFAM, 2001.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

VIDAL, Silvia M. *Resconstrucción de los procesos de etnogenesis y de reproducción social entre los baré de rio Negro, siglos XVI – XVIII*. 1993. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto Venezolano de Investigaciones Cientificas, Centro de Estudios Avanzados, Caracas, Venezuela, 1993.

Sobre os autores:

Ademar dos Santos Lima – Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bolsista POSGRAD-FAPEAM/QUALIFICA-SEMED. Graduado em Letras Línguas Portuguesa e Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. **E-mail:** ademarlina7@hotmail.com

Silvana Andrade Martins – Doutora e Pós-doutora em Letras e Linguística pela Vrije Universiteit, Amsterdam, Holanda. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes do Curso de Mestrado da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). **E-mail:** andrandemartins.silvana2@gmail.com

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa – Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Martha Falcão- Devry. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). **E-mail:** jessicancpedrosa@hotmail.com

Recebido em 25 de agosto de 2018

Aprovado para publicação em 20 de março de 2019